

Maternidade e biopoder no almanaque d' ' A saúde da mulher na década de 1930.

Autora (1); Ana Karoline Lima de Moraes; Orientadora (2); Jussara Natália Moreira

(1)Universidade Estadual da Paraíba; analima2.ak@gmail.com (2)Universidade Estadual da Paraíba; jussarabelens@gmail.com

Resumo: *O presente artigo busca, através da análise de imagens, entender como a valorização da maternidade foi difundida no almanaque d' ' a saúde da mulher- periódico anual de circulação nacional de 1906 a 1974- na década de 1930, como uma estratégia do biopoder adentrar no meio social e familiar. Para isso nos apoiaremos nas investigações de Michel Foucault sobre a teorização do biopoder e do dispositivo da sexualidade e como este desenvolveu-se no ocidente, outra teórica fundamental para nosso trabalho é Judith Butler que ao cunhar um conceito de gênero distante da ideia de fixidez nos abre espaço para compreender como o gênero é construído pelos discursos. Para realizar tal pesquisa nos apoiaremos metodologicamente nos usos que Jean Jacques Courtine fez das teorizações de Foucault a respeito da análise discurso e sua aplicação às imagens. Desta forma buscamos contribuir para os trabalhos que tem como objetivo principal trabalhar o gênero e as tentativas performáticas de construí-lo, dito isto, defendemos que ao patologizar o corpo feminino e associá-lo a maternidade como função principal da mulher na sociedade o almanaque criou a mulher que ele próprio fala.*

PALAVRAS-CHAVE: *BIOPODER, GENERO, SAUDE*

Introdução

Durante grande parte do século XX, os almanaques de farmácia destacaram-se enquanto um importante veículo de ideias científicas e populares. Datando da idade média, essas publicações foram fundamentais para a difusão de princípios de modernidade no país (PARK, 1998). Além disso, nos almanaques podemos observar os conhecimentos científicos colocados em uma linguagem acessível para as camadas populares difundindo, assim, as ideias de higiene e saúde características das convicções científicas do século XIX e início do século XX.

O “Almanach d' 'a Saúde da Mulher”, um dos impressos mais populares do país, no início do século XX teve as suas primeiras publicações datadas nos anos de 1906 e encerrando-as em 1974. As edições deste periódico de ampla difusão social chegaram à tiragem de 1.500.00 exemplares (BUENO, 2008). Este folheto de circulação nacional contava com propagandas dos remédios do laboratório Daudt e com outros conteúdos como horóscopos, entretenimento, calendário nacional de festas religiosas, etc. Embora carregado de informações científicas, religiosas e populares, o objetivo principal do

difundir a eficácia do tônico A

Mulher que tinha como propósito pôr fim- ou simplesmente regular- as chamadas “doenças das senhoras” provocadas pela formação biológica falha e patológica do corpo feminino.

Para compreendermos as condições de possibilidade na qual o discurso difundido no almanaque apresenta-se enquanto verdadeiro, é ímpar fazermos uma breve reflexão sobre a colocação do corpo feminino dentro do discurso médico ocorrido em final do século XVIII e durante o século XIX. É neste período que o corpo da mulher será amplamente estudado e patologizado pela medicina como aponta Fabíola Rohden (2001) onde, a partir do momento que o corpo feminino foi colocado enquanto objeto de ciência em torno deste, estruturaram-se saberes, como por exemplo, duas áreas da medicina destinadas a tratar da “questão da mulher” sendo essas a ginecologia e a obstetrícia. É em torno destes saberes que as tentativas de enquadrar mulheres dentro de lugares a serem naturalmente ocupados por estas, em muito se associariam a sua condição biológica patológica e, portanto, limitada as funções principais de mãe e esposa.

Entre as duas especialidades que visaram o estudo do corpo feminino a ginecologia merece destaque maior, como já dito, esta área se ocupará do estudo ampliado do corpo das mulheres, não se prendendo apenas ao parto, como é o caso da obstetrícia. É dentro da ginecologia que os “grandes perigos” do corpo feminino foram identificados. Não só diferente do homem, mas também dona de uma fisiologia patológica por natureza seria a mulher. Patologia e natureza, eis o que determina uma mulher sob o olhar da medicina do século XIX. Estaria no útero à causa das principais perturbações que poderiam atingir às meninas, mulheres e senhoras, em qualquer parte da vida, a mulher é reduzida ao seu sexo (FOUCAULT, 1982).

No Brasil o desenvolvimento da ginecologia logo ganha um espaço privilegiado na recém-desenvolvida medicina do século XIX ganhando destaque nas reuniões das sociedades médicas do período e tendo cada vez mais atenção nas aulas das faculdades médicas brasileiras (ROHDEN, 2001). Essa preocupação de crescimento gradual com a anatomia feminina, ocorreu graças as trocas de ideias e influências de médicos estrangeiros que trouxeram o conhecimento da ginecologia e da obstetrícia para o Brasil. Se antes eram as parteiras que se recorria sempre que houvesse um problema de saúde relacionado ao corpo feminino, após o século XIX é o médico que ocupará esse lugar de tratar este corpo e de cuidar de tudo o que estiver relacionado ao mesmo.

A patologia do corpo feminino feita a partir da segunda metade do século XVIII,

não deve ser percebido como um fato isolado ao contexto histórico em que foi desenvolvida, pelo contrário, tem fortes ligações com as demandas políticas, sociais e econômicas do período.

Ao fazer a genealogia do que chamou de Dispositivo da sexualidade em “A vontade de saber” Michel Foucault, no último capítulo da obra, aborda que a criação da sexualidade e a colocação do sexo em discurso estão ligados ao nascimento de um biopoder que tinha o objetivo de gerir a vida das populações (FOUCAULT, 2015). A problematização da doença como problema político e econômico foi uma das preocupações principais do século XIX e início do século XX, o biopoder veio responder a esta demanda da necessidade de um poder político gerir a vida. Este novo poder argumenta Foucault, se articula em dois polos, o primeiro respalda-se nas disciplinas para maximizar o uso do indivíduo, tornando-os o mais produtivos possível. O segundo polo está inserido principalmente no nível da saúde, garantir a longevidade das populações, sua qualidade de vida, um investimento sobre a vida. Daí a importância excepcional que o dispositivo da sexualidade enquanto tecnologia do biopoder adquire, pois o sexo está inserido nestes dois polos. Atua tanto nas disciplinas do corpo adestrando e potencializando o indivíduo, mas atua também na regulação das populações.

Não é por acaso que a histerização do corpo da mulher está inserida entre as quatro estratégias de dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo (FOUCAULT, 2014), patologizado e determinado pela sua constituição biológica é por meio do controle do corpo feminino que o biopoder adentrará no meio familiar. Optamos por abordar a década de 1930, pois é nela que encontramos a maior preocupação com a saúde da nação, principalmente por parte do Estado com o início da Era Vargas e foi neste mesmo governo também que encontramos a tentativa de implementação de uma saúde pública de regulasse a população (FONSECA, 2007). Não pretendemos colocar o Estado como um superpoder e único capaz de promover a saúde da nação, mas levar em consideração que o biopoder atuou sobretudo para aumentar a longevidade e a saúde de nações inteiras e tem grande interesse dos governos para que isso ocorra.

Metodologia

Nosso arquivo é composto pelos almanaques d’ “A saúde da mulher da década de 1930, deste arquivo, foram selecionadas duas imagens que reforçam tanto a patologia do corpo feminino como o seu uso dentro do periódico

para valorizar a maternidade e o lugar de mãe que a mulher desempenharia na sociedade. Entendemos tal valorização como fruto de uma estratégia do biopoder para atuar tanto na regulação das populações, como na maximização da vida e de sua duração.

Para analisar as imagens do almanaque d' "A saúde da mulher nos apoiaremos nas reflexões de Jean Jacques Courtine (2009) e de outros teóricos que praticam a análise do discurso como este a concebeu. Courtine analisa as imagens enquanto discurso, partindo a perspectiva das reflexões feitas por Michel Foucault em "A arqueologia do saber" (2008), Jean Jacques Courtine propõe aproximar as imagens do conceito de enunciado desenvolvido por Foucault na obra supracitada. O enunciado, percebido como átomo do discurso (FOUCAULT, 2008) é o lugar privilegiado onde o discurso se reatualiza, se modifica e se dispersa. Foucault tem a preocupação em não resumir o enunciado ao campo linguístico, ele não é proposição, da frase e da enunciação (FISCHER, 2013) e nos aponta que o enunciado é a unidade elementar do discurso, pois o discurso é composto por uma série de enunciados em um mesmo campo de saber. Assim, ao não concentrar o enunciado como mero fator linguístico, Foucault, como aponta Courtine, nos abre espaço para pensar outros objetos enquanto discurso, como as imagens.

Ao descrever a função de existência do enunciado Foucault o caracteriza por quatro elementos básicos que Rosa Mario Bueno Fischer sintetiza:

[...] ele (o enunciado) sempre diz respeito a um referente (ou seja, a um princípio de diferenciação), a um sujeito (no sentido de uma posição a ser ocupada) e um campo associado (isto é, ele sempre coexiste com outros enunciados; e ele sempre está relacionado a uma materialidade específica – por tratar de coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas e relações sociais." (FISHER, 2013, p.141-142)

Por ser um lugar de constante movimento, não existe lugar para homogeneidade nos enunciados, embora dentro de um mesmo campo discursivo – neste caso dentro da regulação das populações e do biopoder, assim como do discurso médico sobre as mulheres- podem haver divergências entre os enunciados como é o caso do almanaque d' "A saúde da mulher que mesmo dentro do discurso médico não coloca a intervenção médica como o único meio para o tratamento dos males femininos, o próprio tônico difundido no periódico seria capaz de regular as doenças femininas sem a figura de um médico. O periódico afirma e se afasta – ao mesmo tempo - dos enunciados médicos.

Nossa análise consistirá, pois, em perceber as imagens por meio de suas condições de possibilidade sempre com o questionamento de por que estas imagens e não outras foram veiculadas no periódico? Com isso, não nos

ocuparemos do que está por trás ou do não dito, mas do que foi dito, do que está na imagem e em seu contexto de produção, levando em consideração a relação entre poder e saber dentro do periódico e no qual o corpo feminino foi o alvo principal.

Portanto, nas análises das imagens seguiremos Maria do Rosário Gregolin (2011) onde, para a autora na análise das imagens enquanto enunciados que parte da perspectiva pensada por Jean Jacques Courtine em todo o conjunto de sua obra e que foi influenciado pelas reflexões realizadas por Michel Foucault em Arqueologia do saber (2008), para compreender o sentido das imagens não deve-se deixar de lado as palavras que a acompanham, pois imagens e palavras se complementam no sentido. Logo, percebemos após observarmos o todo da imagem e analisando o enunciado imagético e o enunciado verbal juntos para termos uma visão abrangente do saber-poder do almanaque sobre o corpo feminino.

Desenvolvimento

Como já apontado, a patologização do corpo feminino pelo saber médico é o principal suporte do almanaque d' "A saúde da mulher. As mulheres enquanto seres fracos, dependentes e constituídos por uma biologia falha são o principal alvo do tônico que visa não só regular todas essas fraquezas do organismo feminino, mas também proporcionar uma vida mais alegre a essas mulheres que fazem uso do tônico. Ter saúde também implica ter uma vida completamente feliz e estável. Dito isto é bastante recorrente que as mulheres que não fazem uso do tônico serem retratadas com toda a sua fragilidade:



(Almanaque d' A saúde da mulher, 1933)

Na imagem apresentada acima, podemos observar uma mulher de feições abatidas que procura ajuda e é amparada por outra. Enquanto o aspecto da mulher que tenta reerguer-se aparenta ser doentio, frágil e debilitado, o rosto da que a auxilia a levantar-se está radiante com um grande sorriso estampado no rosto, como se ficasse grata por ser tão útil para a companheira. Ambas as mulheres estão vestidas com trajes que não remetem a época em que a imagem é retratada (década de 1930 do século XX), mas que nos lembram das roupas usadas na época clássica- na Grécia antiga- também as duas encontram-se descalças. Por cima das duas uma faixa desenrola-se com o seguinte dizer: “O santo remédio das senhoras” que é complementado com a frase abaixo da situação: “A saúde da mulher o amparo poderoso do sexo frágil”.

Como qualquer enunciado o almanaque reatualiza outros (FOUCAULT, 2008), neste caso, o saber médico. Mas para além da mera reatualização o enunciado também é o campo de transformações, embora se apoie em outros enunciados ele também pode deles se distinguir. Encontramos tal situação no almanaque, mesmo se apoiando na ginecologia desenvolvida no século XIX que transformou o corpo feminino em frágil e patológico, ainda em voga no século XX, dele se distância no quesito da cura oferecida para este mesmo corpo. Para a medicina do século XX, era o médico que seria o único capaz de intervir nas patologias femininas e curá-la, mas, enquanto o

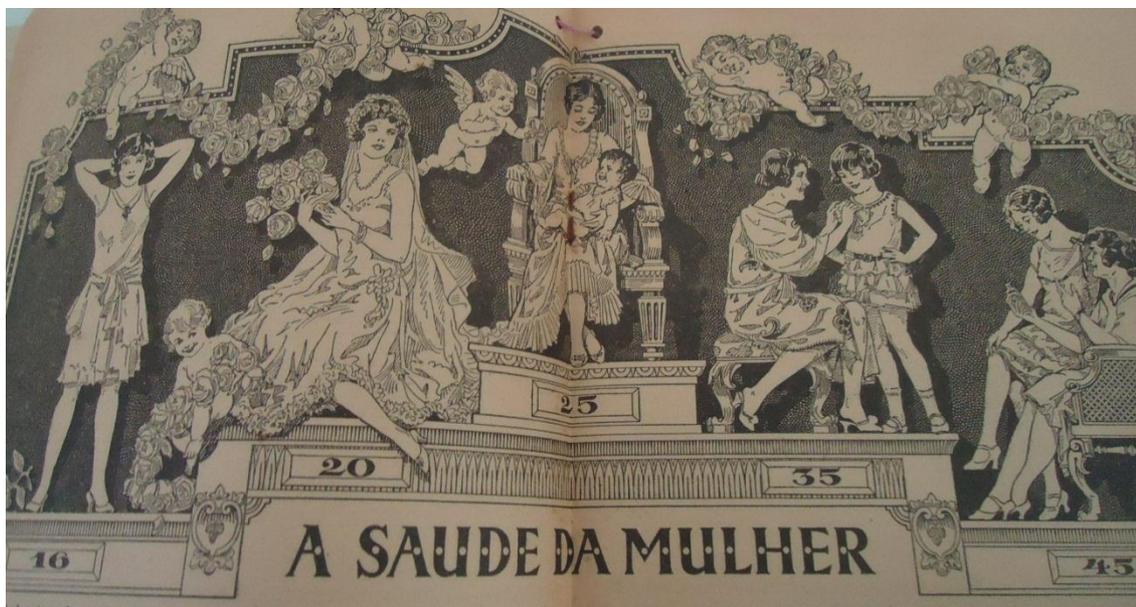
almanaque oferece outra alternativa; as mulheres não precisam ir ao consultório para se curarem de suas doenças uterinas, isso poderia ser feito no conforto de suas casas apenas utilizando o tônico “A saúde da mulher”. Fragilizado é o sexo feminino, tanto na ginecologia como no almanaque, mas os amparos e curas que se oferecem são diferentes.

Como já apontamos, a mulher será crucial para o biopoder penetrar no meio familiar, pois será ela encarregada do cuidado da saúde da família. Ao estudar o trabalho feminino nas fábricas entre final do século XIX e início do século XX, Margareth Rago dá destaque a um movimento peculiar que se desenvolveu no Brasil. Durante o início da industrialização brasileira o trabalho feminino foi amplamente explorado, visto que as mulheres trabalhavam o mesmo período que os homens e recebiam menos, durante a segunda década do século XX há uma degradação do trabalho feminino fora de casa por autoridades políticas e, sobretudo, médicas (RAGO, 2004). Esse movimento ocorre em nome da moral das mulheres, mas também em nome da proteção da família brasileira que ficaria desamparada dos cuidados das mulheres que trabalhassem em turnos tão pesados nas fábricas e em outras profissões, este desprezo pelo trabalho feminino fora de casa vale tanto para as camadas mais abastadas da sociedade como para as menos, pois, uma mulher fora de casa se apresentaria um perigo para toda a nação. Portanto, é por meio da maternidade e do cuidado do marido que a mulher ganha importância nos meios médicos, sua função dentro da nação é uma das mais importantes; garantir que tanto os que trabalham (os maridos) como aqueles que irão um dia trabalhar em sua constituição (os filhos), sejam saudáveis para suas desempenhar suas funções como mencionado na citação a seguir:

Os positivistas, os liberais, os médicos, a igreja, os industriais e mesmo muitos operários anarquistas, socialistas e, posteriormente, os comunistas, incorporaram o discurso de valorização da maternidade progressivamente associado ao ideal de formação da identidade nacional. Nos anos 20 e 30 a figura da „mãe cívica“ passa a ser exaltada como exemplo daquela que prepara física, intelectualmente e moralmente o futuro cidadão da pátria, contribuindo de forma decisiva para o engrandecimento da nação. (RAGO, 2004, p. 592).

Como a passagem acima nos apresenta uma gama de pensadores convergia diante da ideia de que caberia as mulheres o cuidado do lar e dos filhos, pois a maternidade não era um fator meramente de ordem privado, mas pelo contrário, uma boa mãe geraria e cuidaria de indivíduos aptos para a estruturação de uma nação forte e saudável longe da degeneração e das doenças. Assim, a propagação e valorização da maternidade é o ponto principal no qual o biopoder procurará melhorar a vida, pois com as mães dentro da casa cuidando de seus filhos as crianças cresceriam fortes e seriam os

indivíduos saudáveis que a nação precisava. No almanaque encontramos tal valorização da maternidade, sobretudo durante a década de 1930:



(Fonte: A saúde da mulher, 1931)

Na imagem é possível observar a vida de uma mulher representada em fases que vão desde a adolescência até a fase mais madura, mais precisamente dos 16 aos 45 anos. A estrutura está organizada com belos arranjos de flores e pequenos anjos que embelezam e enfeitam a paisagem, o interessante observar que o lugar onde estão colocadas as fases da vida se assemelha bastante a um pódio onde podemos observar que cada estágio da vida feminina tem um peso maior ou menor sobre os outros. Nas fases mais baixas encontramos a mulher com 16 anos, é neste ponto da vida que as diferenças sociais e biológicas entre homens e mulheres são acentuadas e ganham mais atenção, mas também é neste momento que as doenças do útero se manifestam, é uma idade que requer bastante atenção pelas mudanças sofridas no corpo.

A outra fase da vida feminina que se iguala em sua inferioridade com a adolescência é a partir dos 45 anos, conhecida, naquele momento como “idade crítica” (ROHDEN, 2001). Se a adolescência se caracteriza, na imagem, inferiorizada pela juventude, mas também pelo início das perturbações do útero, a menopausa será inferiorizada pelo contrário. É neste momento da vida que a mulher perde todas as qualidades que ela ganha com a puberdade. Nesse estágio da existência a mulher já contribuiu para a nação dando filhos saudáveis, agora não há mais o que contribuir, apenas ensinar o que já foi apreendido à sua filha. Sua contribuição reduz-se ou deixa de existir como refletido a seguir:

É por meio da reprodução que a mulher se distingue do homem e tem um papel na sociedade. As referências a respeito da menopausa apenas confirmam essa ideia, mostrando como aquelas que já não podem mais reproduzir se transformam em „divindades secundárias que „já não possuem adoradores. “ (ROHDEN, 2001. P. 137).

Se, segundo Fabíola Rohden, é na maternidade que a mulher se destaca socialmente, o lugar em que a fase da maternidade ocupa na imagem não nos é uma surpresa. A mãe aparece como centro da imagem e da vida da mulher. Não só o centro, mas a parte mais elevada no pódio da vida feminina mostrado na imagem. Entronada, é enquanto mãe que a mulher atinge o ápice de sua existência, nota-se que a maternidade, na imagem, é mais importante até que o casamento, se seguirmos a ideia das fases da vida colocadas em um pódio, ou seja, a maternidade sempre como prioridade da vida feminina, tanto que lhe acompanha pelo resto de sua existência

É interessante observar também que é apenas na maternidade que um anjo se aproxima da mulher, ser mãe é algo quase divino, mas também algo muito terreno se verificarmos aquilo que acompanha a mulher em todas essas fases; o tônico a saúde da mulher. É ele que garante o funcionamento do corpo feminino possibilitando que a mulher passe por todas as etapas da vida perfeitamente. Mesmo com uma natureza biológica tão maléfica a ponto de perturbá-la socialmente, com o tônico, a mulher vive e é feliz sem grandes danos à sua saúde e, principalmente, ao seu lugar social de mãe.

Não só as mulheres foram alvo das pretensões da construção de uma nação saudável, Margareth Rago (2014) aponta como uma nova forma de perceber a infância, principalmente no início do século XX foi importante para que a própria percepção da função social da mulher na sociedade fosse modificada. A criança passa a ser o centro das atenções do saber médico que cada vez mais adentra no meio familiar, pois as crianças daquele período seriam os futuros trabalhadores que fariam a nação crescer e se desenvolver. Não é atoa que a fiscalização e o cuidados com a proteção da vida infantil sejam tão atenuadas no século XX, assim como o crescimento pela procura de condenar aqueles que ferissem, de algum modo, a vida de uma criança, como a autora mostra, os crimes que atentavam contra as crianças como o aborto e o infanticídio foram combatidos tanto pelo saber médico por meio de discursos condenando tais crimes, quanto pela justiça através de penalidades mais severas, tudo em nome do futuro da nação.

Conclusão:

Como apontado durante o trabalho a fixação do lugar feminino como mãe e dona de casa envolver fatores complexos muito ligados ao contexto social e cultural daquele período, assim como a tentativa de criar uma nação saudável e forte com uma longevidade maior, tentativas estas empreendidas pelo governo, mas que não se prende somente a ele como no caso do periódico.

O discurso do almanaque, portanto não fica apenas no campo da fala, visto que age diretamente na vida das mulheres, visto que o tônico foi sim tomado por muitas mulheres para conseguirem se curar de seus males, outro fator material do discurso é a própria criação de um tipo exemplar de mulher ligado ao casamento, mas principalmente, a maternidade, tanto Margareth Rago (2014) quanto Fabíola Rohden (2003) nos apontam como as intervenções por parte de médicos, governo e juristas foram presentes na vida daquelas mulheres que não se incorporavam no padrão estabelecido pela sociedade.

Percebe-se, então que a patologização do corpo feminino serviu a interesses econômicos, políticos e sociais, mas que também foi fundamental para uma construção da identidade feminina ligada a maternidade, a família e ao lar. Assim, fica clara que a “natureza feminina” foi ela própria construída por discursos médicos, do estado, jurídicos etc. e do próprio almanaque d’ “A saúde da mulher como naturalmente doente. Nestas situações o caráter performático do gênero ganha força, pois, é preciso construir discursivamente aquilo que se atesta com tanta verossimilhança ser verdadeiro:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são construídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2015, p. 244).

Seguindo a lógica da filósofa norte americana Judith Butler (2015) para se pensar o gênero, a criação de “verdades” tanto em torno do sexo quanto do gênero servem à interesses bastante específicos de saber e poder, no caso do almanaque d’ “A saúde da mulher. O corpo feminino foi alvo de inúmeros discursos que visavam trazer a verdade de sua constituição biológica e acabaram por produzi-la, desta produção visou-se um maior aproveitamento das mulheres na sociedade como agentes do biopoder no âmbito familiar. Daí resultou-se, também uma série de intervenções sobre este corpo que o fizeram exposto aos olhos dos

médicos do período no qual o próprio tônico do almanaque faz parte, eis aí a história atuando constantemente sobre o corpo.

Desta forma, percebemos que ao insistir em determinados tipos de feminilidade e não outros o almanaque não está desvelando um real, um tipo fixo de mulher que existia naquele período, mas na verdade performances do que deveria ser uma mulher dentro dos padrões esperados pelo meio social, é nestas reiterações constantes de identidades tanto para homens quanto para mulheres que a ideia de um gênero unívoco e transcendental se cristaliza.

Referências:

- BUENO, Eduardo. **Vendendo saúde: história da propaganda de medicamentos no Brasil**. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008. 160 p. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/propaganda/vendendo_saude.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 287 p.
- FONSECA, Cristina M. Oliveira. **Saúde no Governo Vargas (1930- 1945): dualidade institucional de um bem público**. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. 298 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 174 p.
- _____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e semiologia:: enfrentando discursividades contemporâneas. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011. Cap. 3. p. 83-105.
- PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: Fapesp, 1999. 216 p.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Cap. 15. p. 578-606.
- _____. **Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 279 p.
- ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. 245 p.

_____. **A arte de enganar a natureza:** contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. 246 p.

